

O AMOR COMO FUNDAMENTO ONTOLÓGICO-MORAL em Santo Agostinho

Rogério Gomes*

* Professor do Instituto São Paulo de Estudos (ISPES) Superiores e da Escola Dominicana de Teologia (EDT).

Resumo:

Para Agostinho o amor é o fundamento ontológico-moral. Gomes busca compreender o ponto de vista de Agostinho segundo o qual é a alegria ontológica, bem transcendental e plenitude da liberdade. A partir daí, afirma-se como fundamento moral que, por sua vez, tem as suas implicações na ação e no viver humanos, na fundamentação das virtudes e na busca dos valores tais como liberdade, justiça e amor ao semelhante.

Palavras-chaves: Alegria ontológica; Bem transcendental; Amor; Conhecimento; Liberdade.

Abstract

Love is the moral ontological ground, to Augustin. Gomes in this essay looks for a deep understanding of this Augustinian point of view. According to Augustin this would be ontological joy, transcendental good and freedom plenitude. To Augustin this is also the start point of the moral ground and has deep implications in human actions and living, because they are at the same time the ground of the virtues and of the pursuit of the freedom, justice and the love to the other.

Key words:

Ontological joy; transcendental good; Love; Knowledge; Freedom.

Introdução

¹ Cf. R. GOMES, R. A concepção de Agostinho acerca do amor humano, antes de sua conversão. *FRAGMENTOS DE CULTURA*, (2004), 14, pp. 1979-2003.

² Cf. N. A. OLIVEIRA, Introdução. In SANTO AGOSTINHO. *Comentário da Primeira Epístola de São João*. Trat.7,8. São Paulo: Paulinas, 1989, pp.16-17; J. A. GALINDO RODRIGO, El Amor cristiano en su perspectiva de gratuidad, según San Agustín. *AUGUSTINUS*, (1997), 42, pp. 297-319. Neste artigo o autor reflete sobre os diferentes sentidos e graus do amor que podem ser encontrados na doutrina agostiniana.

³ Cf. P. BOEHNER – E. GILSON, *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 189.

A concepção de amor, em Agostinho, é bastante ampla.¹ No Comentário à Primeira Epístola de João já se pode deparar com três sentidos: *amor*, *dilectio* e *caritas*. Far-se-á uma opção pelo primeiro – amor – por apresentar sentido mais extenso e indeterminado.² Neste artigo, procurar-se-á demonstrar a concepção de amor como fundamento ontológico-moral. Perceber-se-á o amor como alegria ontológica, que se caracteriza pelo profundo conhecimento de si mesmo e do outro. É o amor que se coloca como amor ao próprio amor e assume a plenitude da liberdade: amar e fazer o que quiser. Do amor próprio e da sua vivência plena, este eleva-se como categoria universal, que se caracteriza no despreendimento de si próprio. É a partir desses fundamentos que se poderá compreender o amor como fundamento moral em Agostinho quando ele convida: ama e fazes o que queres.

1. O AMOR COMO ALEGRIA ONTOLÓGICA

Conforme Agostinho quanto mais se escolhe o mundo sensível e os bens perecíveis, escolhe-se mal. Para ele, abandonar o que era sensível constitui um caminho difícil, mas é somente quando se consegue ultrapassar a relação com o sensível que se pode compreender o amor na sua dimensão ontológica e como alegria ontológica do ser. *O amor é a alegria ontológica mais profunda. Ele não pode deixar de atuar até mesmo na ausência do seu objeto. Neste caso, ele visa ao ignoto e ao distante; torna-se uma espécie de nostalgia ou saudade do amor: tem-se amor ao próprio amor.*³ Este amor ao próprio amor é a superação da categoria do sensível e o momento em que se estabelece uma relação com o transcendente.

A alegria ontológica pode ser compreendida num primeiro momento como a felicidade da existência e só a possui o ser humano, único ser que tem a consciência da própria realidade existencial. É nessa realidade existencial que lhe é permitida experimentar o amor, tanto humano quanto divino. Para Agostinho, no verdadeiro amor somente se ama aquilo que coincide consigo próprio. O verdadeiro amor sempre terá por objeto o Ser e o Bem e ambos coincidem, pois o Bem é um ser que possui qualidades. O amor como alegria ontológica vislumbra todo o bem que o amor pode causar no existir humano. Significa repousar toda a natureza pessoal no próprio ser e encontrar a tranquilidade, dirigindo-se ao Ser Absoluto, única realidade que pode lhe dar a consistência e

estabilidade. Essa tranqüilidade, segurança e alegria se dão quando se colocam em prática as virtudes definidas em função do amor de Deus.

O amor como alegria ontológica – o amor ao próprio amor – se dá quando se torna ser-de-um-eu-externalizado. O amor nessa dimensão configura-se tal como afirma os Cânticos: *o amor é forte, é forte como a morte* (Ct 8,6). A morte é um dos acontecimentos que transforma a realidade humana. É a experiência mais profunda e individual da existência humana. É o evento que demonstra a fragilidade da vida e se coloca na perspectiva da finitude ao possibilitar ao ser humano descobrir-se como criatura⁴ bem como do além da existência. A morte do ponto de vista físico arrebatava o ser, tira-lhe todas as perspectivas de ser e de existir, se não se pensa a partir da fé. Pela morte, o ser se torna não-ser e não-existência – enquanto consciência. Isso demonstra o poder deste acontecimento em relação ao ser e à sua existência. *Teme-se a morte porque se ama o mundo* (amor mundi); *a morte aniquila não só qualquer posse do mundo, mas também todo o desejo de amar qualquer coisa por vir que se espera do mundo*.⁵

Em Agostinho, uma perspectiva diferente se coloca quando o homem se põe na dimensão da presença do Ser Absoluto – Deus – através do amor. *Ora, só existe verdadeiramente o que permanece imutável. Para isso, para mim é bom prender a Deus, porque se não permanecer N'Ele, também não poderei continuar em mim. Ele porém, permanecendo em si, renova todas as coisas*.⁶ Em Agostinho somente em Deus se pode continuar a existir. Nele somos eternos. Portanto, *para o amor, a morte não tem importância, porque todo ser só é uma razão para amar a Deus*.⁷ E somente pelo amor permanecemos, a vida será lembrada. *Mas depois desta vida, quando ela se recolher totalmente a Deus, resta o amor pelo qual ela ali permanece*.⁸

Partindo daí, pode-se raciocinar da seguinte forma: a morte retira do homem a possibilidade de ser e de existir. A morte tirando o ser e o existir do homem, este só vai restar na lembrança dos outros, na memória. É na perspectiva da própria morte que o amor ganha mais força do que ela própria e coloca o ser para o além-da-existência. O ser aqui permanece em Deus, o Outro Absoluto e sob a sua égide, renova-se, é o que notamos em Santo Agostinho. Este renovar caracteriza-se por um renascer do próprio ser humano. Ou seja, ganha-se nova vida não simplesmente pelo caráter onipotente do Ser Absoluto, mas pelo próprio amor.

⁴ Cr. H. ARENDT, *O conceito de Amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget, s.d., p. 95.

⁵ *Ibidem*.

⁶ Cf. AGOSTINHO, *Confissões VII*, 11.17. São Paulo: Abril, 1973, p. 140.

⁷ Cf. H. ARENDT, *O conceito de amor em Santo Agostinho*, op. cit., p. 117.

⁸ Cf. AGOSTINHO, *Solilóquios*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 32.

⁹ Cf. AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*. Livro XI, 28. São Paulo: Das Américas, 1961, vol. 2, p.141.

¹⁰ Cf. AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, op. cit., p.140.

¹¹ Cr. J. A. GALINDO RODRIGO, *El Amor cristiano en su perspectiva de gratuidad*, op. cit., p. 299.

¹² Cf. AGOSTINHO, *Vida Feliz*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 115.

¹³ Cf. H. ARENDT, *O conceito de amor em Santo Agostinho*, op. cit., p. 36.

O amor tem a força igual à morte, porque além de encontrar sua origem no Criador, conduz o ser humano para além-do-existir físico, mas metafísico e é mais forte do que a morte porque lhe dá nova vida que a própria morte é incapaz de destruir. *Nele nosso ser já não estará sujeito à morte, nosso conhecimento ao erro, nosso amor, ao desregramento.*⁹ Assim, é o amor ao próprio amor que se coloca como garantia da vida para além do existir físico. O amor ao próprio amor supera até mesmo a morte, pois o amor só quer amar, ao passo que em relação à morte só há o temor. O amor ao próprio amor¹⁰ está na categoria da mais pura e profunda maneira de se amar. Ele está ligado à reta ordem daquilo que subjaz à própria existência.

2. A ALEGRIA ONTOLÓGICA: A FRUIÇÃO DO AMOR

O amor como alegria ontológica é a expressão do profundo conhecimento do ser que conhece a si mesmo e o outro. É o amor não como falta ou como a utilização de qualquer ser ou qualquer coisa com a finalidade de se obter outra, considerada mais valiosa, de modo relativo e condicionado (*uti*),¹¹ mas como abundância que vai ao encontro de outrem, não por necessidade, mas por não se comportar em si mesmo. É a continuação do movimento que busca resgatar o outro. É conhecimento que não pára no tempo e quer se aprofundar.

*É conhecimento da verdade na interioridade da alma. Conhecimento que, ao mesmo tempo, é posse e gozo de Deus, 'feliz quem possui Deus'. A sabedoria que nos dá a felicidade consiste em fruir, deleitar-se em Deus, a verdade infinita, nosso Bem Supremo e Imutável. Nossa perfeição moral e nossa felicidade consistem em conhecer e amar este Sumo Bem.*¹²

A fruição, neste sentido, é amar contemplando o outro. *Fruir é estar perto do objeto desejado, firme e sem inquietude. Nesta proximidade perto de, a procura é levada até o fim, já não procura mais nada, pelo contrário, permanece aí. Uma coisa é desejada por ela mesma quando perto dela a procura se apaga.*¹³ Em outras palavras, a aproximação que surge não é para *utilizar-se* do outro, mas por amor ao outro. Nesse sentido, não o objetifica, porque o único interesse que se tem é o Outro por ele mesmo. Estabelece, então, uma diferenciação: o fruir está na ordem da relevância do significado do Outro,

enquanto o utilizar-se (*uti*) está no plano da objetificação-prazer. Portanto, o amor como fruição consiste no contemplar o Outro através do *face-a-face-de-um-eu-exteriorizado* com o Outro e vice-versa.

Agostinho vê o amor como realidade ontológica, como o aperfeiçoamento do ser humano que caminha e no fim da existência repousará em Deus – Sumo Bem. *O amor é a força motriz da vontade que culmina na liberdade para Deus, supremo Bem, para onde tudo se dirige.*¹⁴ Nesse caminho, então, o ser humano não está sozinho, há a presença de Deus e do outro com o seu mistério. O outro se faz presença e pela realidade do amor busca-se desvendar o mistério, numa alteridade, que destrói as trevas interiores da solidão e do egoísmo e se torna perfeição. *Começa por amar, e tu te tornarás perfeito. Começaste a amar? Deus começou a habitar em ti. Dá amor àquele que começou a habitar em ti, a fim de que ele te torne perfeito, habitando cada vez mais perfeitamente em ti.*¹⁵

Se o amor é capaz de destruir as trevas interiores do ser humano, o seu lado obscuro, aperfeiçoar-lhe o ser, conhecer-se, permite-lhe conhecer o outro. O outro não é, agora, somente uma presença com o seu mistério. Conhecê-lo é possível se há o conhecimento de si mesmo. Se não se conhece a si mesmo, não se vai ao encontro do outro em liberdade, devido ao temor, ao medo e, conseqüentemente, não se lança ao ser do outro que está imbuído do profundo abismo a ser desvendado. E é no ir ao encontro, através da interioridade da alma, que se é capaz de perceber no outro, o que está para além da sua existência. O outro é mistério que pode ser desvelado, quando desperta a nostalgia de conhecê-lo. Essa nostalgia é o *eu interior* que se exterioriza. Ao fazê-lo, sente-se a ausência de outro e quer conhecê-lo, e ali nasce o encontro.

3.O AMOR COMO BEM TRANSCENDENTAL

Afirma Agostinho: *a vida feliz consiste no perfeito conhecimento de Deus. Por isso, ele não faz consistir a felicidade na posse ou no gozo de qualquer bem criado, mas só na posse ou no gozo do Bem absoluto e perfeito.*¹⁶ Deus é amor que comporta o amor humano, um bem criado pelo próprio Deus, e que só se realiza na plenitude quando o ser humano se volta para o Criador e traduz esse amor em relação ao seu semelhante.

¹⁴ Cf. M. R. N. COSTA, O amor enquanto fundamento ético moral de socialização do homem: A dimensão social do amor em Santo Agostinho. *CADERNOS DA ESTEF*, (1998), 28, p. 55.

¹⁵ Cf. AGOSTINHO, *Comentário da Primeira Epístola de São João*. Trat.8,12. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 174.

¹⁶ Cf. AGOSTINHO, *Vida feliz*, op. cit., p. 115.

*Entre o amor a Deus e o amor aos homens há um elemento comum: o amor ao Bem. Portanto, o verdadeiro amor sempre terá por objeto o Ser e o Bem. Ora, Deus é o sumo bem e o ser por excelência. Logo ele merece ser amado sobre todas as coisas. Donde decorre uma diferença no objeto do amor, importando numa diferença no seio do próprio amor. É justo que amemos o próximo como a nós mesmos, pois, enquanto bem, ele encontra num mesmo nível conosco. Amar a Deus, porém é amar o Bem como tal.*¹⁷

¹⁷ Cf. P. BOEHNER – E. GILSON, *História da Filosofia Cristã*, op. cit., p. 190.

¹⁸ Cf. AGOSTINHO, *Vida feliz*, op. cit., p. 130.

¹⁹ Cf. P. BOEHNER – E. GILSON, *História da Filosofia Cristã*, op. cit., p. 189.

O amor como bem transcendental, em Agostinho, encontra-se na categoria da perfeição, do imperecível, do permanente, única riqueza que o homem possui e da qual ele pode fruir perenemente, pois está na categoria do inesgotável: *se alguém quiser ser feliz, deverá procurar um bem permanente, que não lhe possa ser retirado em algum revés de sorte.*¹⁸ Desse modo, o ser humano que atinge essa dimensão do amor torna-se feliz, virtuoso, justo e norteia a sua vida por princípios éticos e morais tendo como princípio o amor que é a própria essência humana. *O amor é a própria essência do homem.*¹⁹ Em outras palavras, o amor é o substrato do ser humano e, por se constituir dessa forma, um bem transcendental.

O amor na categoria transcendental está em elevado grau, porque o ser humano ama o transcendental que o criou, Deus. É o amor a Deus o paradigma para o amor ao outro. É por amar a Deus na totalidade que se consegue amar o outro como um outro eu. Assim o amor, nesse nível, torna-se inspiração para a plenitude humana.

4. A DECORRÊNCIA DO AMOR PRÓPRIO: O AMOR COMO CATEGORIA UNIVERSAL

O ser humano tem amor a própria existência, ama a si mesmo. Caso contrário, entraria em um processo de auto-destruição. Esse amor a si mesmo é o que denominamos de amor a si próprio. O amor próprio é importante porque dá individualidade à pessoa. Todavia, não pode permanecer centrado em si mesmo, somente como categoria individual, caso contrário se demonstra como forma profunda de individualismo e de egoísmo.

Em Agostinho, isso se torna visível quando ele invoca a síntese da Lei:²⁰ amar a Deus sobre todas as coisas e o outro como a si mesmo. *No amor se resume toda a lei, que se*

²⁰ Quando se refere à Lei entenda-se o Decálogo.

*completa com o amor. O amor está incluído sobre Escritura mesma....*²¹ Ora, quando se vai ao encontro do outro, na dimensão de amá-lo como a si mesmo, ele se torna um igual a mim, mantendo sua unicidade e significa que o amor já parte da individualidade que caracteriza o ser que ama, e faz com que ele vá ao encontro do outro, dando significação ampla ao amor – do amor próprio para o amor universal. O amor universal é o amor que *na renúncia ama renunciando a si; isto significa que ele ama todos os homens sem a menor diferenciação, o que para o amor faz do mundo um simples deserto. E este amor ama os outros como a si próprio.*²²

A universalidade do amor ocorre quando ele transcende o indivíduo e quando se ama renunciando. É quando o amor é capaz de descentralizar e projeta o ser-de-um-eu-que-se-externaliza para além dele mesmo. O amor, quando se encontra nessa dimensão é, capaz de fazer o ser humano abnegar daquilo que é mais precioso e existir em favor do outro. Somente nesta dimensão se explica, por exemplo, dar a vida por alguém. Talvez este seja o maior ato de despojamento e de liberdade de uma pessoa.

5. AMA E FAZE O QUE QUERES: O AMOR COMO PLENITUDE DA LIBERDADE

A liberdade é uma categoria metafísica na qual o ser está inscrito. Isso equivale dizer que, na categoria axiológica, a liberdade deve habitar o ser, pois é o direito que ele tem de ser em seu próprio ser e escolher ser. A liberdade é a expressão do ser humano, que escolhe por si mesmo e se torna, mediante a sua escolha, responsável por ela. A liberdade traz em si a possibilidade de expansão do ser.

Em termos de ordem social, instala-se a lei para garantir a liberdade do ser humano. No entanto, quando se coloca o amor como centro da vida moral, ele torna-se a própria lei. E ele só se instaura enquanto plenitude de liberdade: *ama e faz o que queres*. Assevera Agostinho:

Lembra o que recomendamos: não se distinga as ações dos homens a não ser pela raiz da caridade. Muitas coisas podem ser feitas sob a aparência do bem, mas que não procedem da raiz da caridade. Os espinheiros também apresentam flores. Há atitudes aparentemente (sic) ásperas e até duras, mas que contudo são inspiradas pela disciplina da caridade. Uma vez por todas,

²¹ Cf. V. L. NOEL, Reflexiones agustinianas sobre el amor em las *Enarrationes in psalmos*. AUGUSTINUS, (1991), 36, p. 185.

²² Cf. ARENDT, *O conceito de Amor em Santo Agostinho*, p. 115.

²³ Cf. AGOSTINHO. *Comentário da Primeira Epístola de São João*. Trat. 7,8. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 151.

²⁴ Cf. P. BOEHNER – E. GILSON, *História da Filosofia Cristã*, op. cit., p. 195.

²⁵ *Ibidem*.

²⁶ Cf. AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, op. cit., p. 330.

²⁷ Giovanni Papini um famoso biógrafo de Agostinho o nomina dessa forma. *Agostinho é um Númida – um africano. Não compreenderá bem algumas facetas de sua alma que não recordar a sua nação*. Cf. G. PAPINI, *Santo Agostinho*. Braga: Cruz, 1958, p. 11.

*foi-te dado somente um breve mandamento: Ama e faz o que quiseres. Se te calar, cala-te movido pelo amor; se falar em tom alto, fala por amor; se corriges, corrige com amor; ser perdoas, perdoa por amor. Tem no fundo do coração a raiz do amor: dessa raiz não pode senão sair o bem.*²⁵

O amor nessas condições é garantia total da liberdade humana, pois quem ama só faz o bem e o bem pode ser feito em qualquer tempo, daí ser a liberdade plena. O arbítrio do amor é o próprio amor.

Amar e fazer o que quiser é o ápice da liberdade que se caracteriza no ser e no agir humanos e se cumpre não por temor, mas pelo próprio amor. Nesse sentido, a liberdade pode ser garantida por essas duas categorias: pelo temor ou pelo medo, pois a vontade permanece na escravidão, não podendo agir livremente.²⁴ O temor escraviza o ser e faz com que ele não se plenifique, isto é, o ser não se plenifica enquanto ser que contempla o face-a-face do outro e, ainda mais, teme-se a si próprio, pois não se conhece. O homem só é livre quando, no profundo conhecimento de si mesmo, ama a sua existência e supera todos os medos do existir.

Para Agostinho, amar e fazer o que quiser constitui-se num imperativo e ao mesmo tempo, numa regra que se constitui como *perfeição do amor na liberdade*.²⁵ É do amor que surge somente o bem e é o bem que dá ao homem possibilidade como existência autêntica no mundo. E, constituindo-se dessa forma, seus atos estão dirigidos somente para o bem.

Afirma Agostinho: *o amor, que faz com que a gente ame bem o que deve amar, deve ser amado também com ordem; assim, existirá em nós a virtude, que traz consigo o viver bem. Por isso, parece-me ser a seguinte a definição mais acertada e curta de virtude: A virtude é a ordem do amor*.²⁶ Ao fazer essa assertiva, o Númida²⁷ nos coloca frente às seguintes constatações: não teria sentido a existência humana se o homem não amasse. E o amor faz com que amemos bem e numa ordem. A ordem está em amar o Ser Absoluto e o Bem e dentro dessas duas realidades encontra-se o amor ao outro; quem não ama, incorre em uma existência patética, porque não é capaz de percorrer o caminho de busca-encontro com o outro. E a existência só tem sentido quando ela está também num viver para o outro. É nesse espaço que se compreende a virtude do viver bem.

6. O AMOR COMO FUNDAMENTO MORAL

O homem, quando ama e faz o que quer, tem como arbítrio interior o amor que norteia a sua vontade e todo o seu ser, fazendo o agir na reta ordem do amor.²⁸ E o respeito a esta ordem do amor tem por corolário a mais perfeita sujeição ao Criador. E esta sujeição nos tornam livres em face de todas as criaturas.²⁹ Assim, o problema da moralidade é, portanto, o da reta escolha das coisas amadas, da intensidade ou medida em que se amam essas coisas, ou seja, da reta ordem do amor.³⁰

Quando Agostinho reflete sobre a fruição do amor, pensa sobre a ordenação do amor. Isto significa que há uma hierarquia de valores no amor. O amor a Deus e aos seres humanos apresenta valores diferentes do que aos objetos.³¹ Assim, a questão da moralidade se apresenta na reta escolha das coisas a serem amadas,³² e o amor na sua densidade, é a base moral para este agir humano. Em outros termos, o amor é fundamento moral³³ para o agir e viver humanos e é por onde se conhece a justiça. Essa dimensão profunda do amor se traduz na *caritas* que habita e permanece na interioridade humana. *Habita na caridade e ela habitará em ti, permanece nela e ela permanecerá em ti.*³⁴ Progredir no amor é progredir na justiça, aperfeiçoar-se no amor, é aperfeiçoar-se na justiça. *O começo da vivência da caridade é o início da vida na justiça; o progresso na caridade leva ao progresso na justiça. A grandeza da justiça mede-se pela grandeza da caridade; a justiça perfeita é sinal de caridade perfeita.*³⁵ O Númida ressalta ainda um aspecto importante da procedência da caridade: *trata-se de caridade que procede do coração puro, da consciência bem formada e da fé sincera.*³⁶

Se como averiguamos o amor se compreende como alegria ontológica, fruição, universalização e liberdade, estes elementos são fundamentais para a ação humana. Eles situam o ser humano na dinâmica do agir responsável em relação a si e ao outro. A força deste agir vem da iluminação divina, elemento transcendental da moral agostiniana e da vontade livre, aquilo que move o homem a perscrutar e a querer o bem. Portanto, não se pode compreender o amor como fundamento ontológico-moral em Agostinho se não perscrutar a dimensão existencial, profunda do amor que leva ao conhecimento, à fruição, ao aperfeiçoamento do ser humano e não colocá-lo no contexto do amor ao Ser Absoluto e ao Bem. Daí, emergem os fundamentos para o agir virtuoso, livre, justo e como *essência das boas obras.*³⁷

²⁸ Cf. V. L. NOEL, *Reflexiones agustinianas*, op. cit., p. 186.

²⁹ Cf. P. BOEHNER – E. GILSON, *História da Filosofia Cristã*, op. cit., p.195.

³⁰ Cf. M. R. N. COSTA, O amor: fundamento da moral interior em Santo Agostinho. *TEOCOMUNICAÇÃO*, (1998), 28, p. 361.

³¹ Cf. P. BOEHNER – E. GILSON, *História da Filosofia Cristã*, op. cit., p.194.

³² Idem, p. 189.

³³ Um artigo interessante, discute sobre os diferentes graus do desenvolvimento moral na obra e na vida de Santo Agostinho em que o autor faz também um diálogo com vários autores contemporâneos. Cf. S. ALVAREZ TURRIENZO, *Edades del desarrollo moral en la obra y la vida de san Agustín*. *AUGUSTINUS*, (1998), 33, pp. 9-46.

³⁴ Cf. AGOSTINHO, *Comentário da Primeira Epístola de São João*. *Trat.7,8*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 153.

³⁵ Cf. AGOSTINHO. *A graça* (I). São Paulo: Paulus 1998, p. 196.

³⁶ Ibidem.

³⁷ Cf. V. L. NOEL, *Reflexiones agustinianas*, op. cit., p. 189.

Conclusão

Agostinho é um pensador complexo e deve ser situado dentro do seu contexto. Isto explica algumas posturas do pensador hiponense: ora mais abertas, ora bastante ortodoxas. Aqui se buscou evidenciar um aspecto da sua concepção acerca do amor como fundamento ontológico-moral. Esse tema e problema nos abrem novas perspectivas para ser tratado, sob a óptica da moral. Agostinho tem como fundamento de sua moral o amor-justo. Hodiernamente, vivemos em uma crise axiológica e nos é necessário retomar a inspiração agostiniana de amar e fazer o que quiser. Isto se traduz em comprometimento responsável pelo outro. E esse amor ao outro, na visão agostiniana, encontra fundamento no amor a Deus. *Portanto, o amor pode ser compreendido como o pressuposto de uma ética cristã e resgatando o homem para valores fundamentais como o Ser, o Existir e o Bem.*³⁸

³⁸ Cf. R. GOMES, A concepção de Agostinho acerca do amor humano, antes de sua conversão, op. cit., p. 2005.

³⁹ Cf. R. CANNING, El vocabulário de san Agustín sobre el bien común y el lugar del amor al prójimo. *AUGUSTINUS*, (1999), 44, pp. 71-78; G. FROSINI, *Il pensiero sociale dei Padri*. Brescia: Queriniana, 1996.

⁴⁰ Cf. AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*, op. cit., p.140.

Deste modo, do ponto de vista da moral, Agostinho apresenta elementos interessantes, especialmente do ponto de vista social. O mesmo não se pode dizer, por exemplo, de uma moral matrimonial, especialmente quando se faz algumas leituras descontextualizadas e se busca aplicar o seu pensamento para os dias atuais. Por isso, é importante uma hermenêutica atualizada e atenta do seu pensamento. Na moral social Agostinho apresenta grandes contributos e a sua concepção sobre o amor humano é inspiradora para a ação social, especialmente do bem comum como lugar do amor ao próximo dentre outras grandes contribuições.³⁹ Desse modo como o grande Doutor que *o amor que nos faz viver bem se desenvolva até à perfeita cura e feliz transformação de tudo quanto somos de vida.*⁴⁰